

FÓRUM BRASILEIRO DE ECONOMIA SOLIDÁRIA  
CENTRO DE ESTUDOS E ASSESSORIA

# Boas práticas em economia solidária no Brasil



Brasília, maio de 2016

Copyright © by  
Centro de Estudos e Assessoria  
Todos os direitos reservados - 1ª  
edição

É proibida a reprodução total ou  
parcial, por quaisquer meios, sem a  
autorização prévia, por escrito, do  
autor.  
Obra independente.

**Projeto:**

Fortalecendo a política pública de  
economia solidária: mobilização e  
participação social na construção  
do Plano Nacional de Economia  
Solidária

**Convênio:**

795124/2013 - CEA/MTE/Senaes

**Organização:**

Centro de Estudos e Assessoria (CEA)

**Elaboração de texto:**

Claudia Lima

**Revisão e ficha catalográfica:**

Daniela Rueda

**Revisão de texto:**

Yana Palankof

**Projeto gráfico, capa e  
diagramação:**

CT Comunicação (ctcomunicacao.com.br)

**Ilustrações:**

Rede Desenvolver

**Tiragem:**

5.000 cópias

**Apoio:**

Fórum Brasileiro de Economia  
Solidária

**Ficha catalográfica**

C397 CENTRO DE ESTUDOS DE ASSESSORIA

Boas práticas em economia solidária no Brasil/Texto de Claudia  
Lima - Brasília: CEA; FBES, 2016. - 40 p. ; il.

1. Economia Solidária. 2. Economia do Trabalho 3. Relação do  
Estado para Organização da Sociedade.

CDD: 331

CDD: 322

Catalogação realizada por CRB-8 7750



## SUMÁRIO

05	INTRODUÇÃO	25	<b>CAPÍTULO 4</b> PRÁTICAS DA SABEDORIA POPULAR E ALIADAS À TECNOLOGIA	37	OUTRAS FONTES DE PESQUISA
07	<b>CAPÍTULO 1</b> ECONOMIA SOLIDÁRIA E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL	27	<b>CAPÍTULO 5</b> BOAS PRÁTICAS DE ECONOMIA SOLIDÁRIA	38	PÁGINAS NA INTERNET DE ORGANIZAÇÕES E REDES
09	<b>CAPÍTULO 2</b> AS EXPERIÊNCIAS BRASILEIRAS DE ECONOMIA SOLIDÁRIA	28	5.1 Educação popular como aliada das boas práticas de economia solidária	39	REFERÊNCIAS
12	2.1 Quem somos?	29	5.2 Prêmio das boas práticas de economia solidária		
14	2.2 Formas de empreendimentos econômicos solidários	31	5.3 Experiências premiadas pelo BNDES		
16	2.3 Onde encontrar os produtos/serviços da economia solidária?	35	CONSIDERAÇÕES FINAIS		
21	<b>CAPÍTULO 3</b> A ORGANIZAÇÃO DA ECONOMIA SOLIDÁRIA	36	INFORMAÇÕES SOBRE ECONOMIA SOLIDÁRIA		

# ECONOMIA SOLIDÁRIA

Ajudar-se mutuamente  
Não é coisa do passado  
Nem é moda do presente  
É energia de todo o sempre  
Necessita renovar-se  
Valorizar-se sem medo,  
Viver com alegria  
Comprar na comunidade  
O que ela mesma produz  
Com menor esforço  
Acender outras luzes  
Prepare-te para viver bem

Com tudo o que tens direito  
Mantendo responsabilidade  
Sempre terás respeito  
Tu és o que pensas ser  
Se acreditares no que fazes  
Vai em frente  
O sucesso é permanente  
Na economia solidária  
A gente fortalece o grupo  
Não para ajudar ninguém  
E sim para crescermos juntos. ■

*Reginaldo Figueiredo\**



## INTRODUÇÃO

Foto: Banco de Imagens

Para iniciar nossa conversa, é importante analisarmos o atual mundo em que vivemos, onde o sistema econômico capitalista orienta e gera riquezas acumulativas, originando uma desenfreada desigualdade social e, conseqüentemente, o desemprego.

A partir desta dura realidade, o povo se organiza coletivamente para garantir uma vida mais digna e humanizada. No Brasil, essa organização social tem se fortalecido e é fundamental para a redução das desigualdades sociais e para a construção de outros sistemas econômicos.

Ao se tratar de sistemas econômicos, vem a palavra ECONOMIA, e logo nos lembramos de dinheiro, comércio e consumo. Mas vale a pena resgatar a origem dessa palavra: é um termo de origem grega, formado pelas palavras *oikos* (casa) e *nomos* (costume ou lei). A partir disso, surge seu verdadeiro significado, que é o de regras para o *cuidado com a casa*, com o ambiente onde vivemos. Cuidar signi-

fica atender as necessidades da casa e das pessoas que habitam esse ambiente. Entendendo melhor: economia nada mais é do que o conjunto de atividades ou formas sociais de solução da relação entre as necessidades das pessoas e os recursos disponíveis para atendê-las.

O atendimento das necessidades deve ser pensado de forma coletiva, por isso é preciso refletir sobre outro tipo de desenvolvimento, é preciso pensar em *boas práticas*. A prática de outro tipo de desenvolvimento, comprometido com o ser humano e com o planeta, é vivenciada por muitos trabalhadores e trabalhadoras do campo e da cidade. É a essa prática que denominamos de ECONOMIA SOLIDÁRIA. Ela é encontrada em diversas iniciativas econômicas solidárias embasadas na cooperação, na autogestão, na solidariedade e na ação econômica, tais como: agricultura familiar e camponesa, hortas urbanas, cooperativas de diferentes tipos de trabalho autogestionário, empreendimentos econômicos

\* Poeta e militante da economia solidária, integrante do empreendimento de cultura Templo da Poesia (Maranguape-CE).



solidários, centrais de comercialização, associações, entidades de assessoria, rede de gestores, bancos comunitários, grupos de trocas solidárias, grupos de consumo e fundos rotativos solidários.

Sabemos que para uma economia ser sustentável ela tem de estar envolvida com as condições locais, o meio ambiente, as diversidades culturais das comunidades e dos povos tradicionais e etnias. Para enfrentar o atual sistema financeiro existem iniciativas que apontam para o *resgate de práticas de solidariedade*, a saber: trabalho coletivo em formato associativo, cooperativas urbanas e rurais, agricultores/as familiares com experiências agroecológicas e orgânicas, cooperativas de materiais recicláveis, trocas solidárias, cooperativismo de crédito na autogestão, bancos comunitários, entidades de microcrédito solidário, fundos solidários e uma série de experiências transformadoras da realidade local.

Imaginem vivermos juntos/as em um espaço/território aparentemente igual às outras cidades, onde existem casas, ruas, avenidas, árvores, praças, escolas, farmácias, cinemas, teatros, mercados, feiras com essas boas práticas. Mas neste espaço/território há um diferencial: sua organização é feita em prol da comunidade, que é capaz de gerar vida a partir de princípios fundamentais para a existência da humanidade, tais como: a união, a cooperação, a solidariedade, a preservação e a gestão coletiva.

Parece um sonho distante, mas o movimento de economia solidária tem intensificado as lutas para que essas experiências sejam fortalecidas e disseminadas em todo o país por meio de iniciativas de:

★ **FINANÇAS SOLIDÁRIAS**, que têm uma diversidade de expressões: fundos rotativos, cooperativas solidárias de crédito e bancos comunitários com moeda social que geram desenvolvimento local e fortalecem as comunidades;

★ **CENTROS DE FORMAÇÃO SOLIDÁRIA**, com espaços formativos regionais que proporcionam processos ricos e partilhados, utilizando a metodologia da educação popular;

★ **MARCO LEGAL** (jurídico), por meio de iniciativas de leis e decretos municipais, estaduais e federais. Essas legislações inclusivas, cuidadosas e favoráveis à vida têm sido criadas com a participação dos trabalhadores da economia solidária;

★ **PRODUÇÃO, COMERCIALIZAÇÃO E CONSUMO SOLIDÁRIO**, com experiências voltadas à produção de alimentos e de outros produtos que preservem a vida, a saúde, as tradições e a identidade dos povos, além de estabelecer um comércio e um consumo justos, éticos, responsáveis e solidários utilizando pontos fixos, lojas, centros públicos, *e-commerce*, centrais de comercialização e feiras;

★ **BOAS PRÁTICAS**, que é uma realidade de muitos empreendimentos econômicos solidários em nosso país, sendo uma construção para o bem viver. Esta cartilha tem a proposta de apresentar as boas práticas de economia solidária no Brasil, seus fundamentos, princípios, lutas, conquistas e organização em estados e cidades.

Nossa esperança é que esta cartilha alcance pessoas e grupos que acreditam e lutam por um país mais justo, solidário e sustentável, e que a vida das pessoas seja o fator predominante para que as boas práticas de economia solidária sejam disseminadas para a construção do BEM VIVER. ■

DESEJAMOS UMA BOA  
LEITURA A TODAS E TODOS!



## CAPÍTULO 1 ECONOMIA SOLIDÁRIA E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

Foto: Banco de Imagens

A metade da década de 1970 foi marcada pela crise do sistema capitalista, pela desregulamentação dos mercados, por um amplo processo de reestruturação das empresas, pela flexibilização do trabalho e por baixas taxas de crescimento econômico. Assim, ampliaram-se o desemprego e os novos tipos de ocupação precária, gerando altos índices de pobreza e desigualdade. Nos anos 1990, os trabalhadores e trabalhadoras começaram a buscar formas para superar a pobreza e a desigualdade por meio de alternativas de trabalho que não o emprego assalariado. Entre estas destaca-se o trabalho organizado em economia solidária.

Estudo organizado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), publicado no comunicado 58/2010, informa que na década

de 1990 o Brasil alcançou um desenvolvimento considerável, mas este não foi suficiente para resolver as diferenças sociais e econômicas existentes no mundo contemporâneo. Confirmou-se no estudo que as regiões com maior crescimento econômico não foram necessariamente as que mais reduziram a pobreza e a desigualdade.

O desenvolvimento econômico que almejamos deixa de ser capitalista para se tornar cada vez mais misto. O capitalismo faz com que a humanidade se torne conformista, e o desafio é mostrar aos protagonistas de lutas seu verdadeiro papel de transformadores ideológicos mais imbuídos de valores conscientes de um desenvolvimento que busca novas formas produtivas, conectado com os avanços científicos e tecnológicos, mas sub-

metendo-os a valores ambientais, da inclusão social e da autogestão.

Na luta contra essas diferenças sociais e econômicas surgiram os movimentos sociais e as ONGs, que reuniram suas vítimas coletivamente para que promovessem sua própria inserção mediante a construção de grupos de trabalho organizado.

Diante desse novo desenvolvimento, a economia solidária é a prova concreta que constitui a opção daqueles que lutam em favor do direito de produzir, comercializar e consumir em favor da vida.

A vida precisa ser sustentável, por isso a proposta de um desenvolvimento calcado nesse modelo tem sido o principal foco das ações e das práticas da economia solidária.

A sustentabilidade é um modo de SER e de VIVER que exige alinhar as práticas humanas às potencialidades limitadas de cada bioma e às necessidades das gerações presentes e futuras.

Habitamos um planeta finito que não suporta um projeto infinito, e o projeto capitalista é baseado no extremo abuso, conforme demonstra Noam Chomsky: “Os 20% mais ricos consomem 82,4% de todas as riquezas do planeta, enquanto os 20% mais pobres têm que se contentar apenas com 1,6%”. Essa é a representação da dura realidade da desigualdade social, na qual uma minoria monopoliza o consumo e os processos produtivos de praticamente todos os países. Esse ato é político, pois demonstra claramente o “projeto infinito”, que é o não compromisso com a vida.

A economia solidária é um projeto concreto construído para o BEM VIVER, no qual os mercados são justos, a economia é democrática, as potencialidades das pessoas são valorizadas e, sobretudo, a liberdade prevalece. É basear a atividade econômica de produção, serviços, comercialização, finanças e consumo na democracia e na cooperação. É consumir produtos locais e saudáveis que não afetem o meio ambiente, não sejam trans-

gênicos nem beneficiem grandes empresas. É trabalhar coletivamente de forma autogestória, com todos os integrantes do empreendimento sendo trabalhadores e donos. É um movimento social que luta pela mudança da sociedade, por uma forma diferente de desenvolvimento que não seja baseada nas grandes empresas, e sim construída pela população tomando por base valores como solidariedade, democracia, cooperação, preservação ambiental e direitos humanos.

A ECONOMIA SOLIDÁRIA carrega um grande potencial transformador da realidade social, articulando cada vez mais trabalhadores no Brasil.

As práticas vivenciadas na economia solidária são pautadas em um desenvolvimento sustentável circular e inclusivo, no qual o ser humano é o centro, e seguem os seguintes princípios:

- ★ **AUTOGESTÃO;**
- ★ **SOLIDARIEDADE;**
- ★ **DEMOCRACIA;**
- ★ **COOPERAÇÃO;**
- ★ **RESPEITO AO MEIO AMBIENTE.**

Esses princípios são essenciais para o desenvolvimento sustentável, que precisa ser economicamente viável, socialmente justo e ambientalmente correto.

Um desenvolvimento sustentável só é possível com a expansão da economia solidária, que tem promovido o desenvolvimento socioeconômico sustentável, assegurando as condições concretas para o bem viver das pessoas tanto individual quanto coletivamente. O desenvolvimento sustentável considera o avanço tecnológico, mas inclui a solidariedade e as relações sociais de produção, comercialização e consumo voltadas à proteção dos ecossistemas e à promoção das liberdades públicas e privadas dos trabalhadores e das comunidades vítimas da atividade econômica capitalista. ■



## CAPÍTULO 2 AS EXPERIÊNCIAS BRASILEIRAS DE ECONOMIA SOLIDÁRIA

Foto: Unidade Produtiva Terra Zine, Vila Velha-ES

Um grande número de trabalhadores rurais e urbanos tem se organizado coletivamente e gerado trabalho e renda acatando princípios fundamentais como autogestão, cooperação, solidariedade e respeito ao meio ambiente em resposta ao sistema capitalista, que considera o ser humano uma mercadoria.

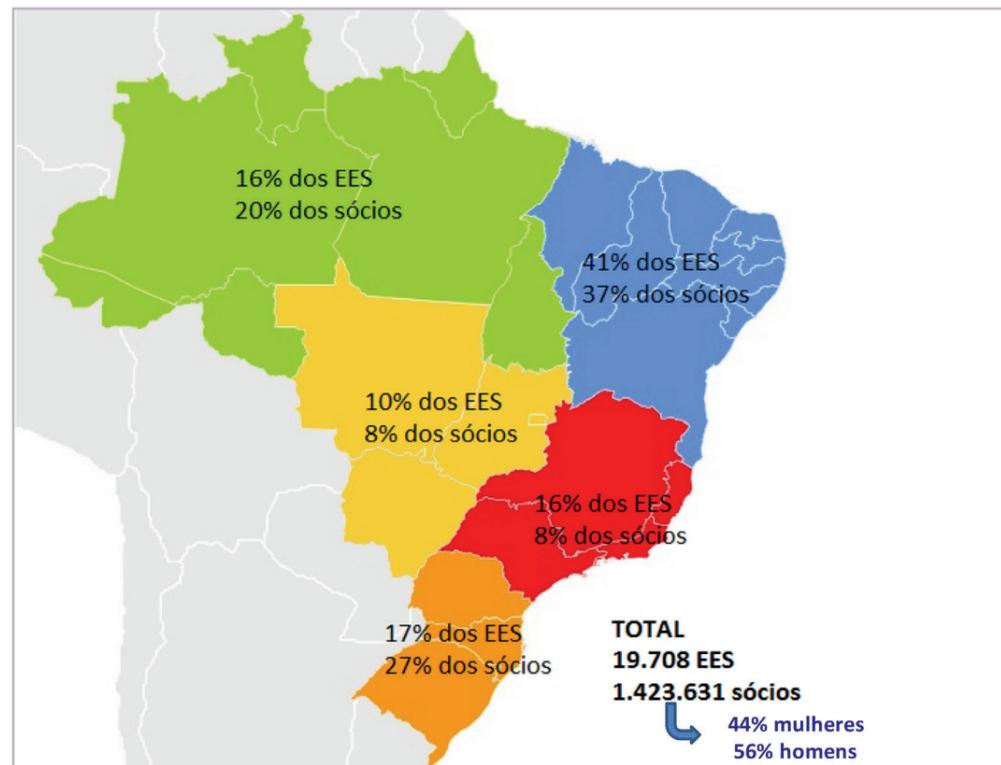
No Brasil, com o objetivo de superar o desemprego, a desocupação rural e a exclusão, desde os anos 1980 esses trabalhadores organizam-se em empreendimentos econômicos solidários. Essa prática tem sido uma estratégia de dinamização socioeconômica em processos de desenvolvimento local e territorial sustentável, promovendo coesão social, preservação e valorização da sabedoria popular, cultural e ambiental.

Encontramos em todo o país as mais diversificadas formas concretas de economia solidária: cooperativas, associações e grupos informais (de produção, serviços, consumo, comercialização e crédito solidário nos âmbitos rural e urbano); empresas recuperadas de autogestão (antigas empresas capitalistas falidas recuperadas pelos trabalhadores); agricultores familiares; bancos comunitários; fundos solidários e rotativos de crédito (organizados sob diversas formas jurídicas e também informalmente); clubes e grupos de trocas solidárias (com ou sem o uso de moeda social, ou moeda comunitária); ecovilas; redes e articulações de comercialização e de cadeias produtivas solidárias; lojas de comércio justo; agências de turismo solidário; entre outras. A esse conjunto de práticas denominamos em-

preendimentos econômicos solidários. Segundo a Secretaria Nacional de Economia Solidária (Senaes/MTE), já são 19.708 experiências

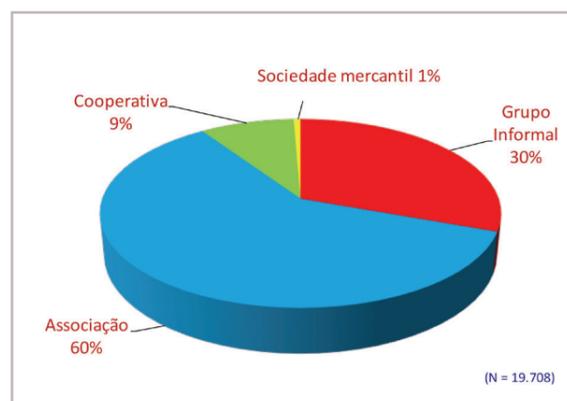
brasileiras de empreendimentos econômicos solidários registrados no Sistema Nacional de Informações em Economia Solidária (Sies).

### MAPEAMENTO NACIONAL, COM REGISTRO DE QUANTIDADE DE EMPREENDIMENTOS ECONÔMICOS SOLIDÁRIOS NO PAÍS E PARTICIPAÇÃO PERCENTUAL DE HOMENS E MULHERES



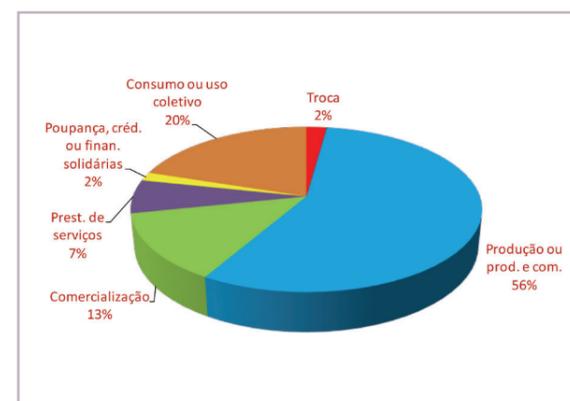
Fonte: Unisinos

### MAPEAMENTO NACIONAL APONTANDO FORMA DE ORGANIZAÇÃO DOS EMPREENDIMENTOS NO BRASIL



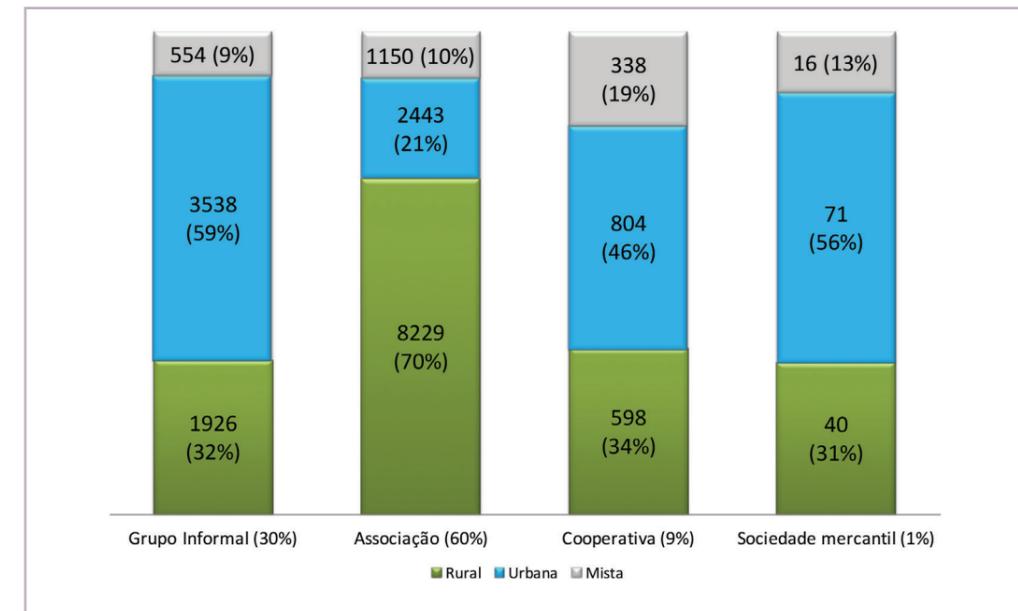
Fonte: Unisinos

### MAPEAMENTO NACIONAL APONTANDO AS PRINCIPAIS ATIVIDADES ECONÔMICAS COLETIVAS



Fonte: Unisinos

### MAPEAMENTO NACIONAL COM FORMA DE ORGANIZAÇÃO DO EES POR ÁREA DE ATUAÇÃO



Fonte: Unisinos

Mesmo com o avanço de algumas políticas de incentivo a essas iniciativas, a grande massa desses trabalhadores enfrenta enormes desafios para a construção da economia solidária. Muitos fatores burocráticos dificultam o trabalho coletivo e o alcance de uma viabilidade econômica, pois é necessário atender normas e regulamentos do sistema capitalista, que visam essencialmente ao mercado convencional, e não ao ser humano em sua centralidade.

No Movimento de Economia Solidária surge constantemente o seguinte questionamento: quais as reais possibilidades de iniciativas coletivas se afirmarem no atual contexto econômico, social e político como alternativas econômicas viáveis capazes de garantir melhores condições de vida para a classe trabalhadora?

O que se percebe é que a formação de um empreendimento econômico solidário (EES) neste atual sistema capitalista é considerada uma grande vitória, pois se configura a partir

da construção de uma série de relações, tanto econômicas quanto sociais e políticas.

Há uma luta diária nos EES para garantir uma identidade da classe trabalhadora baseada no espírito coletivo e de partilha e nos laços de solidariedade, desconstruindo a relação de patrão e empregado culturalmente impregnada no povo.

O trabalho coletivo é o que rege o EES, porque é uma forma de reunir habilidades diversas para um resultado comum. Trabalhar em prol do bem comum é o desafio na construção de uma nova sociedade, na qual as pessoas trabalhem, gerem renda e garantam uma qualidade de vida para suas famílias e as gerações futuras.

No EES as relações de trabalho são autogestionárias, o que o torna um instrumento poderoso, pois propicia às pessoas o desenvolvimento do senso crítico de negação e de superação da sociedade capitalista, favorecendo uma emancipação social, como afirma Habermas (1987).



Produção coletiva na unidade produtiva Terra Zine

Foto: Unidade Produtiva Terra Zine, Vila Velha-ES

Um empreendimento econômico solidário gera uma série de oportunidades aos trabalhadores que vão desde a troca de conhecimentos adquiridos pelo grupo até a formação integral em diversos temas, como associativismo, cooperativismo, educação popular, política, economia, saúde, entre outros.

As experiências brasileiras têm sido um diferencial no mundo todo, pois emancipam as

pessoas e ressignificam o sentido do trabalho, porque o trabalho não é separado das outras dimensões da vida, como a família, a religiosidade e os demais laços sociais, o que resulta em uma situação de harmonia, tornando o trabalho um grande aliado na transformação da sociedade.

## 2.1 Quem somos?

Diversas comunidades lutam por um desenvolvimento sustentável – com dinamismo nas atividades econômicas locais – e por melhores condições de geração de renda e de distribuição de riqueza, garantindo a susten-

tabilidade. Essa luta impulsionou um conjunto de iniciativas e experiências transformadoras dessas realidades, construindo o bem comum. Constata-se que nessas iniciativas não há apenas uma ampliação das oportunidades



Fernando e Angélica Pippi, proprietários de uma agroindústria em Pinhal Grande-RS

Foto: Unidade Produtiva Terra Zine, Vila Velha-ES

de crescimento econômico e de mudança social, há também a priorização dos recursos humanos, culturais, históricos e naturais, que constituem o patrimônio de uma comunidade. Tais iniciativas reúnem igualmente um conjunto de práticas que garantem princípios como autogestão, solidariedade, cooperação e respeito ao meio ambiente (FISCHER; CO-MINI, 2012).

Além da geração de renda, destaca-se a idealização de formas alternativas de convivência, organização, consumo e trabalho coletivo. É importante dizer que o trabalho coletivo é pautado em ações fundamentadas em uma lógica que objetiva evitar a alienação do trabalho e assegurar o BEM VIVER dos trabalhadores, organizados sob a forma de grupos informais, cooperativas ou associações socioprodutivas que se orientam pelos princípios da autogestão, da solidariedade, da democracia e do respeito ao meio ambiente. Esses são princípios que visam garantir a autonomia decisória e a plenitude na efetivação do trabalho como instrumento de emancipação da criatividade e da cultura dos agentes envolvidos nos processos socioprodutivos.

Os trabalhadores organizados são os protagonistas dos meios de produção, promovendo sua socialização por meio de ações coletivas e remunerando o trabalho de forma justa. Tudo isso faz com que haja um “pertencimento” à comunidade das experiências de economia solidária, incluindo as pessoas em território, as quais constroem e transformam a realidade local.

Os empreendimentos econômicos solidários estão organizados coletivamente, são suprafamiliares e podem ser formados por trabalhadores tanto urbanos quanto rurais e com diversos graus de formalização. Essas inúmeras experiências têm recuperado e reforçado a essência da coletividade, que ao longo dos anos a humanidade foi perdendo, ressaltando a importância do papel transformador da realidade. Grupos de consumo e empresas recuperadas por trabalhadores constituem experiências que demonstram que outra economia acontece.

Existem experiências de economia solidária em vários municípios e em diferentes tipos de organizações, que se juntam, trocam ideias e crescem, passando a produzir mais e melhor.

## 2.2 Formas de empreendimentos econômicos solidários

Os empreendimentos econômicos solidários organizam-se em associações, cooperativas populares, grupos e redes autogestionárias e são formados por agricultores familiares, catadores de materiais recicláveis e trabalhadores com experiência urbana, periurbana e rural. Podemos identificá-los com suas experiências nos seguintes eixos:

### a) Produção, comercialização e consumo

As diversas experiências de produção, comercialização e consumo são baseadas na preservação da vida, na valorização da saúde, das tradições e da identidade de povos, sendo o mercado o espaço da troca, do encontro de saberes, da partilha e da construção de laços sociais voltados para a solidariedade e a paz. Entre tais experiências destacam-se:

- ✦ alimentos agroecológicos e/ou orgânicos;
- ✦ artesanato;
- ✦ artes plásticas;
- ✦ biojoias;
- ✦ confecção de roupas e sapatos;
- ✦ construção civil;
- ✦ empresas recuperadas;
- ✦ extrativismo;
- ✦ hortas urbanas e periurbanas com produção agroecológica e/ou orgânica;
- ✦ materiais recicláveis;
- ✦ produtos de higiene e limpeza;
- ✦ produtos de comunidades indígenas;
- ✦ produtos de comunidades quilombolas;
- ✦ tecelagem;
- ✦ serviços de *buffet*, segurança e obras;
- ✦ Sistema Participativo de Garantia (SPGs).

Foto: Unidade Produtiva Terra Zine, Vila Velha-ES



Produção coletiva na unidade produtiva Terra Zine



Banco da esperança

Foto: Unidade Produtiva Terra Zine, Vila Velha-ES

### b) Financiamento, crédito e finanças solidárias

São experiências coletivas que estabelecem outro sistema financeiro que resgata antigas práticas de solidariedade, como as trocas solidárias entre as comunidades.

O cooperativismo de crédito tem como princípio a autogestão de sua poupança. Nele, os fundos rotativos promovem a solidariedade e a emancipação; os bancos comunitários utilizam moedas circulantes locais; são criadas entidades de microcrédito solidário; são incentivadas as trocas solidárias, das quais participam grupos que se encontram periodicamente para oferecer seus produtos e serviços em troca de outros produtos e serviços. No cooperativismo em questão pode haver

uma moeda própria decidida pelo grupo que circula apenas entre seus membros. Tais práticas vão constituindo redes de clubes de troca, e isso fortalece as relações entre as pessoas e os grupos. São exemplos dessas experiências:

- ✦ bancos comunitários;
- ✦ cooperativas de crédito solidário;
- ✦ entidades de microcrédito solidário;
- ✦ fundos rotativos solidários;
- ✦ clube de trocas solidárias.

### c) Educação e autogestão

São experiências coletivas em economia solidária dotadas de estrutura e instrumentos que viabilizam processos educativos que contemplem as necessidades dos diferentes segmentos (gestores públicos, empreendimentos econômicos solidários e entidades de apoio e fomento) bem como o desenvolvimento e a disseminação de tecnologias sociais e de estratégias de comunicação visando fortalecer as práticas da autogestão. São experiências coletivas:

- ✦ de assessoramento técnico;
- ✦ educacionais (creches, escolas, entre outros espaços);
- ✦ de tecnologia social;
- ✦ de rede de incubadoras universitárias para empreendimentos econômicos solidários, entre outras.

### d) Ambiente institucional

São experiências no âmbito jurídico e institucional que possibilitam o fortalecimento da economia solidária, considerando sua especificidade e diversidade, além de garantir a formalização e o funcionamento dos empreendimentos econômicos solidários, o adequado tratamento tributário, o tratamento diferenciado nas compras públicas dos seus produtos e serviços, que facilitem o acesso ao financiamento público, ao fomento e à organização logística para a gestão da produção e da comercialização. Destaque-se aqui a experiência da:

- ✦ Rede de Gestores de Políticas Públicas de Economia Solidária.

### a) Centrais de comercialização

É nas centrais de comercialização que os produtos da economia solidária são negociados, promovendo a formação para os próprios empreendimentos, além de dar visibilidade ao movimento de economia solidária.

Os trabalhadores integrantes das centrais têm neste espaço uma forma digna de comercializar seus produtos e de garantir sua participação na gestão e na realização de ações voltadas para o consumo consciente.

Nas centrais, o protagonismo dos empreendimentos na construção e na gestão é o fator predominante para que a comercialização de produtos e serviços aconteça de forma justa e equitativa.

Os trabalhadores também realizam nas centrais:

- ✦ atividades artísticas e culturais com movimentos organizados de cultura popular e regional;
- ✦ divulgação do consumo responsável de produtos e serviços;
- ✦ fomento e divulgação da organização de cadeias produtivas e redes de economia solidária;
- ✦ formação e informação por meio de oficinas temáticas;
- ✦ trocas solidárias e o uso de moedas sociais.

## 2.3 Onde encontrar os produtos/serviços da economia solidária?

Existem diversos espaços onde podemos encontrar os produtos e/ou serviços de empreendimentos de economia solidária e agricultura familiar agroecológica. Em nossos municípios encontramos e adquirimos diretamente de produtores, estabelecendo a relação de confiança entre consumidor e produtor.

Esses espaços são denominados de pontos fixos de comercialização solidária, cujo intuito é promover e estimular a comercialização de bens e serviços produzidos pelos empreendimentos de economia solidária e agricultura familiar na comunidade, com base em uma relação comercial calcada nos mesmos princípios da economia solidária.

A gestão dessas experiências envolve os trabalhadores da economia solidária na concretização de um objetivo comum – fortalecer o desenvolvimento local sustentável por meio da economia solidária, sendo tais experiências vivenciadas de forma participativa, coletiva e autogestionária.

Destacamos experiências de comercialização voltadas para a produção de alimentos e outros produtos que preservem a vida, a saúde, as tradições e a identidade dos povos, além de estabelecerem um comércio e um consumo justos, éticos, responsáveis e solidários por meio de centros públicos, centrais de comercialização, *e-commerce*, feiras e pontos fixos.

Foto: Unidade Produtiva Terra Zine, Vila Velha-ES



Centro público de economia solidária – sertão da Bahia

## b) Centros públicos de economia solidária

São espaços que reúnem um conjunto de atividades de instituições tanto governamentais como não governamentais para o fortalecimento e o fomento da economia solidária, contribuindo para a construção de uma maior identidade e visibilidade desta nas comunidades.

Os centros públicos de economia solidária integram e abrigam nas suas dependências as várias iniciativas e projetos voltados ao fortalecimento da economia solidária, sejam elas governamentais ou não governamentais. Disponibilizam também espaço físico e infraestrutura para o desenvolvimento de atividades que promovam a formação e a organização de trabalhadores dos empreendimentos de economia solidária (seminários, oficinas, reuniões, entre outros) bem como a comercialização e a divulgação da produção dos empreendimentos de economia solidária.

Diferentemente das centrais de comercialização, os centros públicos (municipais e estaduais) são gestados por empreendimentos econômicos solidários com representantes governamentais.

## c) E-commerce

Há um crescimento na comercialização solidária eletrônica, o que denominamos de *e-commerce*. Este funciona por meio de transações comerciais fazendo uso de tecnologias da informação, com custos reduzidos, utilizando a internet e/ou a telefonia fixa ou móvel.

Essa atividade é realizada tanto por consumidores quanto por empreendimentos de economia solidária. Esse tipo de transação comercial tem se afirmado como uma importante estratégia de comercialização solidária.

Os empreendimentos do movimento de economia solidária e agricultura familiar possuem *sites* e/ou portais por meio dos quais comercializam seus produtos e serviços, e dentre eles destacamos o Cirandas.net.

O Cirandas é uma iniciativa do Fórum Brasileiro de Economia Solidária (FBES) e oferece ferramentas na internet para promover a articulação econômica, social e política de quem se interessa pela economia solidária ou vive dela. Seus principais objetivos são: potencializar o fluxo de saberes, produtos e serviços da economia solidária; oferecer ferramentas para a constituição e a consolidação de redes e ca-



Feira de economia solidária

Foto: Unidade Produtiva Terra Zine, Vila Velha-ES

Foto: Internet

Portal  
Cirandas

deias solidárias; ser um espaço de divulgação da economia solidária e de busca de seus produtos e serviços para consumidores individuais e coletivos (públicos, privados e grupos de consumidores), além de permitir a interação entre vários atores em comunidades virtuais e espaços territoriais, temáticos e econômicos.

O *e-commerce* é alimentado/gestado pelos empreendimentos econômicos solidários, articulados em rede ou não, em parceria com o poder público e/ou entidades de apoio e fomento à economia solidária.

## d) Feiras: itinerantes ou permanentes

As feiras itinerantes ou permanentes acontecem com frequência, em local estabelecido. Mas também podem acontecer em rodizio, em um circuito predefinido. Essa é uma forma de a comunidade encontrar produtos e serviços de origem local direto do produtor

ou de suas organizações representativas no campo da economia solidária e da agricultura familiar, seja de produção agroecológica seja de produção orgânica.

As feiras são o principal espaço de encontro, comercialização e divulgação da economia solidária no Brasil, configurando-se como uma importante estratégia de comercialização, pois viabiliza os produtos e os serviços comercializados da economia solidária, tendo um papel fundamental no resgate da relação entre os empreendimentos e os consumidores.

O produtor tem a oportunidade de estabelecer uma relação direta com o consumidor, o que possibilita a fidelidade do consumo dos produtos e dos serviços de origem solidária e também da agricultura familiar e agroecológica. É no diálogo entre consumidor e produtor que se firmam laços de amizade e confiança mútua, fazendo a diferença na comercialização.

e) Pontos fixos: armazéns, bodegas, empórios, lojas, mercados, quiosques, quitandas, *trailers* e vendas

Esses são outros estabelecimentos onde podemos encontrar uma diversidade de produtos e/ou serviços oriundos da economia solidária e/ou da agricultura familiar para venda e/ou trocas.

Eles geralmente são gestados pelos próprios empreendimentos econômicos e comercializam produtos de grande consumo, sobretudo alimentos, podendo complementar a oferta com produtos de higiene, bebidas e objetos de uso doméstico, bem como com artesanatos e produtos que valorizam a cultura local, contribuindo para o desenvolvimento socioeconômico e sustentável da comunidade. ■

Foto: Unidade Produtiva Terra Zine, Vila Velha-ES



Loja Frutos da Terra II



## CAPÍTULO 3 A ORGANIZAÇÃO DA ECONOMIA SOLIDÁRIA

Foto: Fórum Brasileiro de Economia Solidária (FBES)

Historicamente o povo brasileiro foi marcado pela exploração e pela opressão oriundas das práticas clientelistas de uma maioria que detém o poder econômico, gerando uma distribuição de renda injusta.

As experiências de economia solidária têm transformado essa realidade. Elas vêm se organizando em todo o país por meio de espaços de participação que garantam a democracia na perspectiva de uma construção social.

O movimento de economia solidária organiza-se em todo o Brasil com espaços nos quais prevalece a cidadania em detrimento da exclusão econômica, social e política dos participantes por meio de fóruns. Os fóruns de economia solidária são espaços de orga-

nização democrática para o desenvolvimento desse movimento e para a articulação com as outras instâncias regionais, nacionais e internacionais de economia solidária.

Os fóruns são compostos por empreendimentos econômicos solidários, gestores públicos e entidades de apoio e fomento que coletivamente discutem, trocam ideias e informações, organizam atividades, formulam, implementam e monitoram ações de fortalecimento da economia solidária.

No Brasil identificam-se cerca de 160 fóruns municipais, microrregionais e estaduais que reúnem cerca de 3 mil empreendimentos econômicos, quinhentas entidades de apoio e fomento, 12 governos estaduais e duzentos municípios pela Rede de Gestores de Políticas Públicas de Economia Solidária.

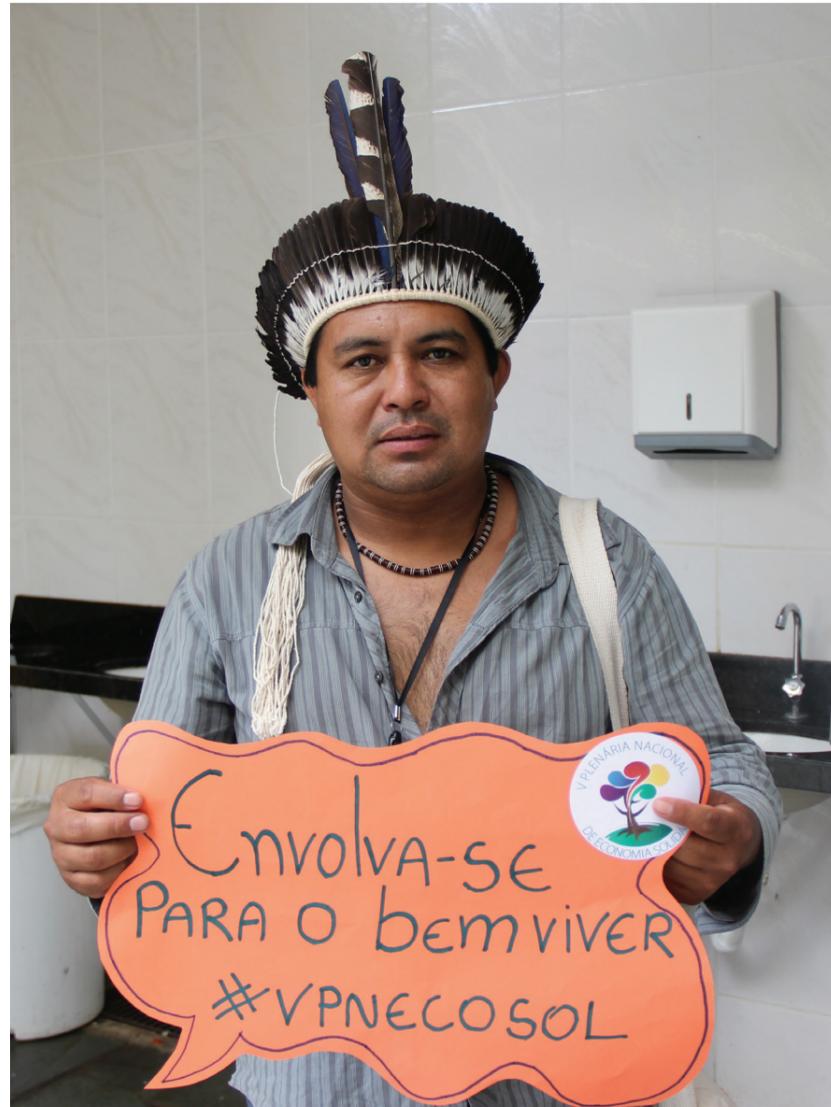


Foto: Fórum Brasileiro de Economia Solidária (FBES)

Os fóruns municipais, microrregionais e estaduais formam o Fórum Brasileiro de Economia Solidária, cujos principais objetivos de atuação são:

- ✦ fortalecer o movimento de economia solidária, mobilizando sua organização por intermédio dos fóruns e promovendo práticas de desenvolvimento sustentável, justo e solidário;
- ✦ somar forças com diversos movimentos sociais para diálogo e convergência nas lutas sociais;

✦ lutar pela construção de políticas públicas, participando de sua elaboração e acompanhamento para que promovam o direito ao trabalho associado.

O Fórum Brasileiro de Economia Solidária reúne representantes dos fóruns estaduais em uma articulação e representação nacional organizada por meio da Coordenação Nacional. Destacamos duas finalidades principais do Fórum Brasileiro de Economia Solidária:



Foto: Fórum Brasileiro de Economia Solidária (FBES)

1. Representação, articulação e incidência na elaboração e no acompanhamento de políticas públicas de economia solidária e no diálogo com diversos atores e atrizes de outros movimentos sociais, se inserindo nas lutas e nas reivindicações sociais sem perder seus princípios e sua autonomia

O FBES busca a confluência entre as forças existentes no movimento de economia solidária e sua participação ativa em GTs, comitês, no Conselho Nacional de Economia Solidária e em outras instâncias de proposição e construção de políticas públicas.

Ao Fórum também compete acompanhar essas demandas de forma ativa e crítica, buscando o estabelecimento de políticas públicas, compromissos e acordos entre as forças que hoje atuam na economia solidária.

2. Apoio ao fortalecimento do movimento de economia solidária a partir das bases

O FBES realiza ações de animação, subsídios, potencialização e apoio ao movimento para que os fóruns municipais, regionais e estaduais sejam a força que move, pauta e aponta para a economia solidária como perspectiva de desenvolvimento sustentável, endógeno e solidário.

As atribuições das instâncias do FBES são articuladas e definidas nas plenárias nacionais de economia solidária, com ampla participação de representantes de todo Brasil. A Coordenação Nacional é composta por indicações dos fóruns estaduais, da rede de gestores públicos e de entidades nacionais de apoio e fomento da seguinte forma:



Foto: Fórum Brasileiro de Economia Solidária (FBES)

- ✦ São eleitos três representantes por Fórum Estadual, sendo dois de empreendimentos solidários (um empreendimento urbano e um empreendimento rural) e um de entidade de assessoria.
- ✦ A(s) rede(s) de gestores indicará(ão) dois gestores por macrorregião e mais dois em nível nacional.
- ✦ As entidades de apoio e fomento com representação nacional (atuação comprovada em pelo menos 7 fóruns estaduais) com limite de até 12 representantes.

Para garantir a gestão política cotidiana, a interlocução com outros movimentos e o governo federal bem como o acompanhamento

da Secretaria-Executiva Nacional, organiza-se a **Coordenação Executiva** do FBES.

A Coordenação Executiva deve ter em sua composição 13 integrantes: sete representantes de empreendimentos (dois do Nordeste, dois do Norte, um do Sul, um do Sudeste e um do Centro-Oeste), cinco representantes das entidades e das redes nacionais e um representante da rede de gestores.

Por fim, a última instância de organização é a Secretaria-Executiva Nacional, cujo objetivo é contribuir para o fortalecimento do FBES por meio da execução de ações determinadas a partir de orientações políticas das plenárias nacionais e da Coordenação Nacional e de acordo com orientações, supervisão e acompanhamento da Coordenação Executiva. ■



## CAPÍTULO 4 PRÁTICAS DA SABEDORIA POPULAR ALIADAS À TECNOLOGIA

Foto: Unidade Produtiva Terra Zine, Vila Velha-ES

As práticas e a sabedoria popular têm dado outro sentido à vida de um empreendimento econômico solidário. Cada experiência, seja rural seja urbana, possui valores como a ética, o respeito mútuo e a solidariedade, valores esses que historicamente vêm de nossos antepassados. É comum encontrar em um EES histórias de como é melhor produzir ou soluções simples para desenvolver o trabalho coletivo.

As trocas do saber popular são praticadas nos grupos produtivos, nas cooperativas, nas associações comunitárias (urbanas e rurais), nas comunidades tradicionais, nos quilombolas, na agricultura familiar, nos assentamentos, nos acampamentos coletivos, entre outros grupos. Com simplicidade essas práticas contribuem para o avanço da consci-

ência crítica organizativa dos empreendimentos econômicos solidários e para o exercício do poder. Esse saber popular traz uma nova dimensão à cultura e aos direitos humanos, fortalecendo entre os atores o compromisso com o diálogo, além de reafirmar o protagonismo dos trabalhadores nas transformações sociais.

Nos dias atuais, muitas comunidades continuam praticando sabedorias populares. Um exemplo disso é a realização de “mutirões”, em que cada um contribui com sua habilidade para gerar um produto ou serviço em prol da comunidade.

Outra forma de os empreendimentos se organizarem nas vendas ainda é o velho “caderninho do fiado”, no qual os clientes mais “amigos”, depositários da confiança do pro-



Foto: Internet

Guardiões de sementes, que preservam a pureza das sementes, livres de qualquer manipulação

prietário, têm suas compras anotadas para pagá-las no final do mês ou mesmo quando puderem.

Observar as fases da lua para, em função delas, escolher o dia certo para o plantio são saberes que interferem diretamente na organização do empreendimento, gerando outra lógica de trabalho, o que difere do sistema capitalista, que necessita cumprir horários, quantidades e prazos de entrega.

Outro saber popular aliado às práticas da economia solidária está presente nos guardiões de sementes, que preservam a pureza das sementes, livres de qualquer manipulação, com o propósito de não perder as sementes que nossos ancestrais usaram para sua alimentação e para a alimentação da humanidade. Em muitas comunidades rurais no Brasil criam-se grupos, centros comunitários e redes de resgate de sementes crioulas cultivadas sem agrotóxicos, as quais são compartilhadas com as comunidades que delas necessitam.

Os povos tradicionais, os sertanejos e os ribeirinhos utilizam plantas, raízes, frutos e sementes como alimento, medicamento e

fonte de renda. Para algumas comunidades, além de representar seu sustento, a floresta representa também sua herança cultural. Essa junção do saber popular à ciência tem oferecido melhores condições de vida a muitos trabalhadores.

Essa união que valoriza o saber popular, a tecnologia e a ciência em prol de uma transformação da realidade local tem fortalecido as relações entre as pessoas e ressignificado o sentido do trabalho, além de ser primordial para a edificação dos empreendimentos econômicos solidários. É uma tecnologia social destinada à classe trabalhadora que se organiza coletivamente.

Como diz Cora Coralina: “Feliz é aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina”. O repasse dessas práticas é de suma importância, e tem se observado o crescimento do interesse por uma formação continuada destinada aos jovens da comunidade para que estes possam se apropriar desses conhecimentos e garantir sua existência no empreendimento como prática que fortaleça a transformação da realidade local. ■



## CAPÍTULO 5 BOAS PRÁTICAS DE ECONOMIA SOLIDÁRIA

Foto: Maiquel Rosauero, Jornalista (MTb/RS 13334), Santa Maria-RS

As experiências de economia solidária têm transformado em prática concreta ações econômicas, sociais, políticas e ambientais questionando o sistema capitalista. São práticas que demonstram a existência de uma diversidade de modos de

coordenação, de lógicas de ação das pessoas, de objetivos e de formas organizacionais. A economia solidária indica que não existe uma concepção universal de organização, mas sim várias concepções que valorizam e potencializam o ser humano.

## 5.1 Educação popular como aliada das boas práticas de economia solidária

As experiências de economia solidária têm trabalhado de forma peculiar a formação de seus trabalhadores no campo e na cidade. E a educação popular tem sido um instrumento primordial neste trabalho, pois ela responde às expectativas da comunidade, que é praticar concretamente os princípios da economia solidária com os trabalhadores.

O processo de formação embasado na educação popular nas comunidades evoca princípios de solidariedade, de vida em comum, de um lugar ideal no qual se almeja viver.

A educação popular e a práxis da economia solidária têm o desafio de resgatar a verdadeira forma de viver em comunidade, na qual os seres humanos estejam ligados de forma orgânica pela vontade e se afirmem reciprocamente.

Alguns elementos são fundamentais para trabalhar a educação popular na formação integral dos trabalhadores e dos grupos, como a vivência do saber e a experiência do poder compartilhado.

Este é um exercício que traz os saberes e as práticas, as dimensões da cultura e dos direitos humanos, o compromisso com o diálogo e o protagonismo das classes populares nas transformações sociais.

A proposta da educação popular na economia solidária é trabalhar com o povo e para o povo, tendo como teoria a pedagogia libertadora, que cria elementos para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Ao longo de nossa história, observa-se que a prática da educação popular na economia solidária tem feito com que os trabalhadores elaborem seu próprio saber, criando suas próprias metodologias.

As experiências de formação integral com os princípios da educação popular e da economia solidária são cenários ideais para dar capilaridade ao debate sobre as boas práticas, construindo uma sociedade mais justa, solidária, democrática e popular.



Foto: Unidade Produtiva Terra Zine, Vila Velha-ES

Conferência Estadual de Economia Solidária

## 5.2 Prêmio das Boas Práticas de Economia Solidária

Ao longo de sua história, a economia solidária no Brasil tem superado diversos desafios que dificultam a vida dos empreendimentos econômicos solidários, seja no âmbito econômico seja no social.

Diante dessa realidade, estabeleceu-se um diálogo entre o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), a Secretaria Nacional de Economia Solidária do Ministério do Trabalho e Emprego (Senae/MTE) e o Fórum Brasileiro de Economia

Solidária (FBES). A partir dessa cooperação foi construída a primeira edição do **Prêmio BNDES de Boas Práticas em Economia Solidária**, que reconhece e divulga as iniciativas consideradas “boas práticas” de Empreendimentos Econômicos Solidários (EES) e suas redes.

O Prêmio homenageia Sandra Magalhães (idealizadora do Banco Palmas – Fortaleza-CE), ícone da economia solidária no Brasil, que liderou diversos movimentos em busca



Foto: Centro de Estudos e Assessoria

Boneca símbolo do Prêmio das Boas Práticas de Economia Solidária

### 5.3 Experiências premiadas pelo BNDES

As experiências participaram durante o ano de 2015 de um edital de seleção que teve como objetivos:

- ✦ **RECONHECER** publicamente os esforços e ampliar a visibilidade de empreendimentos econômicos solidários que desenvolvem os princípios da autogestão, da solidariedade e da cooperação;
- ✦ **INCENTIVAR** e fortalecer a mobilização de atores sociais a partir de experiências e ações de referência para a sociedade no âmbito da economia solidária;
- ✦ **APROFUNDAR** o conhecimento sobre a realidade da economia solidária no país, melhorando o diálogo, a construção e a implementação de políticas públicas de apoio e investimento aos empreendimentos econômicos solidários.

Para a premiação, o BNDES, a Senaes e o Fórum Brasileiro de Economia Solidária estabeleceram critérios para que os empreendimentos pudessem concorrer ao edital e apresentar suas propostas em seu campo de atuação. Poderiam participar: empreendimentos de finanças solidárias, empreendimentos de produção, comercialização ou consumo solidários e empreendimentos formativos, educativos ou culturais.

Outra condição da premiação é que os recursos do prêmio sejam utilizados no fortalecimento e na consolidação das iniciativas premiadas. No caso dos empreendimentos ainda não formalizados, os recursos devem contribuir para os processos de formalização.

Centenas de iniciativas de economia solidária no Brasil concorreram ao prêmio, mas apenas 48 atenderam aos critérios estabelecidos e foram premiadas. A relação das premiadas está no quadro a seguir.



Entrega do prêmio na Região Nordeste

Foto: Maiquel Rosauro, Jornalista (MTb/RS 13334), Santa Maria-RS



Paul Singer na Entrega do Prêmio

Foto: Maiquel Rosauro, Jornalista (MTb/RS 13334), Santa Maria-RS

da evolução do tema no país, estimulando o fortalecimento das políticas públicas em prol de um novo modelo de desenvolvimento. Mesmo após sua morte, em 2013, sua história de vida ainda inspira milhares de pessoas e grupos que têm o desejo de transformação social.

A premiação foi destinada a:

- ✦ trinta empreendimentos econômicos solidários constituídos formalmente;
- ✦ oito empreendimentos econômicos solidários não formalizados;
- ✦ dez redes de empreendimentos econômicos solidários.



Foto: Maiquel Rosauro, Jornalista (MTb/RS 13334), Santa Maria-RS

**CATEGORIA EMPREENHIMENTO ECONÔMICO SOLIDÁRIO FORMALIZADO**

	INSTITUIÇÃO	UF
1	Cooperativa dos Artesãos de Barra Nova	AL
2	Associação dos Moradores e Amigos do Povoado de Barreiras (Amab)	AL
3	Associação das Rendeiras da Cidade de Dias Dávila	BA
4	Cooperativa Agropecuária e Industrial de Coqueiro de Monte Gordo	BA
5	Associação Vencer Juntos do Projeto de Geração de Renda da Diocese de Limoeiro do Norte (Aprovej)	CE
6	Associação Cultural e Artística de Anápolis	GO
7	Associação dos Pequenos Produtores Rurais da Região do Bom Sucesso (Apro-Bom)	GO
8	Associação Nossa Senhora de Loreto	MA
9	Associação de Artesanato da Comunidade Maloca/Mulheres da Vila	MG
10	Cooperativa da Agricultura Familiar Solidária de Espera Feliz (Coofeli)	MG
11	Central dos Trabalhadores e das Trabalhadoras da Economia Solidária	MS
12	Associação de Produtores e Produtoras Artesanais da Chapada	MT
13	Cooperativa dos Catadores e das Catadoras de Reciclagem de M. Moura	PB
14	Associação Prod. Agroec. Morad. Comun. Imbé, Marreco e Viz	PE
15	Círculo de Trabalhadores Cristãos de Gravatá (Art Gravatá)	PE
16	Associação de Catadores de Resíduos Recicláveis (Acaresti)	PR
17	Cooperativa de Produção Agropecuária Vitória Ltda. (Copavi)	PR
18	Associação dos Artesãos de São João da Barra – Alcimar Simões B	RJ
19	Banco Comunitário do Preventório	RJ
20	Cooperativa Agropecuária Cacho de Ouro (Coopercacho)	RN
21	Cooperativa de Costureiras e Artesãos de Parnamirim	RN
22	Cooperativa de Empreendimento Econômico Solidário	RR
23	Centro Espírita Nação Tutumbaiê	RS
24	Cooperativa Alternativa de Alimentos Vida Saudável	RS
25	Associação de Amigos, Usuários e Família do Serv. Saúde Mental (Enlourescer)	SC
26	Centro Público de Economia Solidária de Itajaí (Cepesi)	SC
27	Associação dos Artesãos de Apiai Custódia de Jesus da Cruz	SP
28	Costura e Confecções Osasco	SP
29	Associação de Mulheres Feirantes de Taquaruçu (Amfetaç)	TO
30	Cooperativa de Artesãos de Biojoias de Xambioá	TO

Fonte: BNDES

**CATEGORIA EMPREENHIMENTO ECONÔMICO SOLIDÁRIO AINDA NÃO FORMALIZADO**

	INSTITUIÇÃO	UF
1	Cia. Bate Palmas	CE
2	Fábrica Escola Sabão Verde Vida	ES
3	Essências do Cerrado	MG
4	Grupo Camuanga de Capoeira Angola	MS
5	Tecendo Economia Solidária (Tecsol)	PE
6	Comunidades em Rede	RJ
7	Feira das Etnias de Rondônia	RO
8	Ecopapel – Reciclando vidas, Fazendo arte	RS

Fonte: BNDES

Foto: Maiquel Rosauo, Jornalista (MTb/RS 13334), Santa Maria-RS



Entrega do prêmio na Região Sul

## CATEGORIA REDES DE EMPREENDIMENTOS ECONÔMICOS SOLIDÁRIOS

	INSTITUIÇÃO	UF
1	Fundo Rotativo Unidos Vivendo em Ação	MT
2	Rede Bodega	CE
3	Rede de Produtoras da Bahia	BA
4	Rede de Mulheres Produtoras do Pajeú	PE
5	Rede Bragantina de Economia Solidária Artes e Sabores	PA
6	Produtos em Rede	SP
7	Rede Solidária Cata-Vida	SP
8	Cooperativa Central Rede Solidária dos Trabalhadores de Materiais	MG
9	Cooperativa Central Justa Trama	RS
10	Projeto Esperança/Coesperança	RS

Fonte: BNDES

O Prêmio BNDES de Boas Práticas em Economia Solidária confirma que homens e mulheres “simples” estão cristalizando e construindo uma nova sociedade com base nas

formas objetivas de produção e geração de renda, valorizando os saberes e os valores culturais, sociais e ambientais. ■



Foto: Maíquel Rosauro, Jornalista (MTb/RS, 13334), Santa Maria-RS



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foto: Fórum Brasileiro de Economia Solidária (FBES)

Querida gente, finalizamos nossa cartilha na perspectiva de que os temas tratados possam ter instigado a curiosidade e o desejo de transformação de sua realidade.

Queremos que a construção do bem comum parta principalmente das ações diárias de cada um de nós, seja na sua rua, com seus vizinhos, com seus filhos e com a comunidade e o território onde vivem.

Praticar o bem é sempre um “cuidar do outro”, é o cuidar do planeta, é reafirmar o

compromisso como cidadão. Somos seres conectados a um universo gerador de vida.

Por fim, acreditamos que mais experiências inovadoras possam surgir a cada dia para agregar seus saberes e reaplicar suas **BOAS PRÁTICAS** para a construção de um Brasil onde possamos distribuir com justiça a renda, que possamos gerar trabalho digno e uma economia embasada nos princípios da solidariedade, da autogestão, da cooperação e do respeito ao meio ambiente. ■



## OUTRAS FONTES DE PESQUISA

✦ Agroecologia em Rede:

[www.agroecologiaemrede.org.br](http://www.agroecologiaemrede.org.br)

✦ Atlas Digital da Economia Solidária:

[www.mte.gov.br/sistemas/atlas/atlases.html](http://www.mte.gov.br/sistemas/atlas/atlases.html)

✦ Cirandas, Comunidade da Economia Solidária na Internet:

[www.cirandas.net](http://www.cirandas.net)

✦ Observatório da Economia Solidária e do Cooperativismo:

[www.ecosol.dieese.org.br](http://www.ecosol.dieese.org.br)

✦ Programas de radio e filmes pedagógicos

(2 minutos e de 20 minutos) sobre a Economia Solidária:

[www.fbes.org.br/campanhaes](http://www.fbes.org.br/campanhaes)

✦ Solidarius, portal de intercâmbios e diagnóstico de redes solidárias:

[www.solidarius.net](http://www.solidarius.net)

## INFORMAÇÕES SOBRE ECONOMIA SOLIDÁRIA

Acesse a página virtual do Fórum Brasileiro de Economia Solidária para acompanhar o que acontece em economia solidária e encontrar os contatos do Fórum do seu estado:

[www.fbes.org.br](http://www.fbes.org.br)

Contato:

[forum@fbes.org.br](mailto:forum@fbes.org.br)



## PÁGINAS NA INTERNET DE ORGANIZAÇÕES E REDES

- ✎ [www.agroecologia.org.br](http://www.agroecologia.org.br)
- ✎ [www.asplande.org.br](http://www.asplande.org.br)
- ✎ [www.bndes.com.br](http://www.bndes.com.br)
- ✎ [www.caritas.org.br](http://www.caritas.org.br)
- ✎ [www.capina.org.br](http://www.capina.org.br)
- ✎ [www.cedacnet.org.br](http://www.cedacnet.org.br)
- ✎ [www.cefuria.org.br](http://www.cefuria.org.br)
- ✎ [www.centrodeestudoseassessoria.org.br](http://www.centrodeestudoseassessoria.org.br)
- ✎ [www.desenvolvimentosolidario.org.br](http://www.desenvolvimentosolidario.org.br)
- ✎ [www.ecoconsciente.com.br](http://www.ecoconsciente.com.br)
- ✎ [www.facesdobrasil.org.br](http://www.facesdobrasil.org.br)
- ✎ [www.ibase.br](http://www.ibase.br)
- ✎ [www.ims.org.br](http://www.ims.org.br)
- ✎ [www.institutobancopalmas.org](http://www.institutobancopalmas.org)
- ✎ [www.itcp.usp.br](http://www.itcp.usp.br)
- ✎ [www.itcp.unicamp.br](http://www.itcp.unicamp.br)
- ✎ [www.itcp.coppe.ufrj.br](http://www.itcp.coppe.ufrj.br)
- ✎ [www.itcpfgv.org.br](http://www.itcpfgv.org.br)
- ✎ [www.intecoop.unifei.edu.br](http://www.intecoop.unifei.edu.br)
- ✎ [www.mte.gov.br/ecosolidaria/ecosolidaria\\_default.asp](http://www.mte.gov.br/ecosolidaria/ecosolidaria_default.asp)
- ✎ [www.numiecosol.ufscar.br/numi](http://www.numiecosol.ufscar.br/numi)
- ✎ [www.pacs.org.br](http://www.pacs.org.br)
- ✎ [www.rededegestores.org.br](http://www.rededegestores.org.br)
- ✎ [www.ufv.br/pec/itcp/](http://www.ufv.br/pec/itcp/)
- ✎ [www.unicafes.org.br](http://www.unicafes.org.br)
- ✎ [www.unisolbrasil.org.br](http://www.unisolbrasil.org.br)
- ✎ [www.unitrabalho.org.br](http://www.unitrabalho.org.br)



## REFERÊNCIAS

- BERTUCCI; LIMA; TYGEL; NAGEM; AMORIM; SOUZA; KIRSCH; SILVA. **Economia solidária: outra economia em favor da vida acontece.** Conic e FBES, 2010.
- CHOMSKY, N. **O lucro ou as pessoas.** BERTRAND BRASIL, 2002.
- FISCHER, R. M.; COMINI, G. Sustainable development: from responsibility to entrepreneurship. **Revista de Administração da USP**, São Paulo, v. 47, n. 3, p. 363-369, jul./ ago./set. 2012.
- FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- . **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.
- FREIRE, NOGUEIRA, P. e A. **Que fazer: teoria e prática em educação popular.** Petrópolis: Vozes, 1999.
- GAIGER, Luiz Inácio. Antecedentes e expressões atuais da economia solidária. **Revista Crítica de Ciências Sociais** [on-line], n. 84, 2009. Colocado on-line no dia 1o de dezembro 2012, criado a 8 de dezembro de 2015. URL: <http://rccs.revues.org/401>; DOI :0.4000/rccs.401
- GOMES, Rosemary. Artigo: Afirmando boas práticas e novas estratégias para o desenvolvimento. Painel: **Relações Norte-Sul e Sul-Sul no comércio justo: desafios e perspectivas.** Havana 20-23 de fevereiro de 2007.
- HABERMAS, J. A nova intransparência: a crise do Estado de bem-estar social e o esgotamento das energias utópicas. **Novos Estudos Cebrap.** São Paulo, n. 18, p. 103-114, set. 1987b.
- INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA). **Dimensão, evolução e projeção da pobreza por região e por estado no Brasil**, n. 58, 2010.
- MANCE, Euclides. **Desenvolvimento sustentável e economia solidária.** Instituto Marista de Solidariedade, 2010 (Série Trocando Ideias).
- . **Estratégias para a comercialização solidária: pontos fixos e marcas.** Instituto Marista de Solidariedade, 2010 (Série Trocando Ideias).
- MARIANI, M. A.; FISCHER, R. M. As territorialidades de Empreendimentos Econômicos Solidários (EES) no contexto de um sistema produtivo do turismo: um estudo de caso em Corumbá (MS). **Revista Brasileira de Ecoturismo**, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 412-433, maio/jul. 2014.
- RIBEIRO, Darci. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SINGER, P. I. **Globalização e desemprego: diagnósticos e alternativas.** 7. ed. São Paulo: Contexto, 2008.



FÓRUM BRASILEIRO DE ECONOMIA SOLIDÁRIA  
Secretaria-Executiva Nacional

Endereço:  
SGAN, 914, s/n, conj. F,  
CEP: 70790-140 Brasília-DF

E-mail:  
[forum@fbes.org.br](mailto:forum@fbes.org.br)

Sites:  
[www.fbes.org.br](http://www.fbes.org.br) e [www.cirandas.net](http://www.cirandas.net)

Este livro pode ser reproduzido em parte ou em sua totalidade, conforme Licença Creative Commons, desde que citada a fonte e que não sirva para fins comerciais. Atribuição – não-comercial – Compartilha Igual 3.0.